

Relendo a história do Brasil a contrapelo: revisão da literatura de *O som do rugido da onça*

Rereading Brazil's History Against the Grain: Literature Review of *O som do rugido da onça*

João Felipe Rodrigues*

RESUMO: Micheline Verunschck, escritora brasileira em atividade desde 2003, recebeu renovada atenção em 2022 ao ganhar o Prêmio Jabuti de Romance Literário e ficar em 3º lugar no Prêmio Oceanos, ambos pelo romance *O som do rugido da onça* (2021). Na presente pesquisa, foi efetuada uma revisão da literatura sobre a obra, a fim de elucidar padrões e apontar novos caminhos de estudo, partindo da hipótese da importância do procedimento de “escovar a história a contrapelo”, descrito por Walter Benjamin (1987). Foram identificadas 27 publicações inéditas cujo objeto principal (isolado ou em comparação) foi o romance, do período entre 2021 e o início de 2026. Finalmente, foi investigada a presença, ou ausência, de estudos sobre produções literárias posteriores da autora.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; Micheline Verunschck; revisão da literatura; *O som do rugido da onça*.

ABSTRACT: Micheline Verunschck, a Brazilian writer acting since 2003, received some renewed attention in 2022 upon winning the Prêmio Jabuti for Romance Literário and placing in third at the Prêmio Oceanos, for *O som do rugido da onça* (2021). Here, a literature review regarding the work has been conducted to elucidate patterns and point to new paths of study, starting from the hypothesis of the importance of brushing history against the grain as described by Walter Benjamin (1987, p. 225). In total, 27 publications were identified which had as its main subject the novel (solely or comparatively), between 2021 and early 2026. Finally, there was an investigation of the presence, or absence, of studies about later literary productions of the author.

KEYWORDS: Brazilian literature; Micheline Verunschck; literature review; *The Sound of the Jaguar's Roar*.

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.
Walter Benjamin

1 Introdução

O som do rugido da onça é o quinto romance da escritora pernambucana Micheline Verunschck (2021), ganhador do Jabuti na categoria Romance Literário

* Doutorando e mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista CAPES. E-mail: jf21rodrigues@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2077-8541>.

em 2022 e da terceira posição do Prêmio Oceanos no mesmo ano. A autora fizera sua estreia no campo dos romances de modo relativamente tardio, com *Nossa Teresa – vida e morte de uma santa suicida* (Verunschik, 2014), uma vez que já era publicada desde 2003 com o livro de poesia *Geografia íntima do deserto* (Verunschik, 2003). Desde esse quinto romance, publicou mais dois: *Caminhando com os mortos* (2023) e *Depois do trovão* (2025). O livro de 2023 também recebeu atenção especial da crítica especializada, recebendo o Prêmio Oceanos de melhor publicação na categoria Prosa em 2024. Desse modo, fica evidenciada a importância da autora no meio cultural contemporâneo, o que é reforçado pela produção acadêmica em torno de seu nome, como se vê com a presente revisão da literatura.

Por sua vez, tal revisão se justifica pela possibilidade de norteamiento de estudos futuros enfocados na autora, apontando para tendências e lacunas de pesquisa. Tendo em vista o *leitmotif* da obra – o procedimento de reler a história, não alterando dados “objetivos”, mas alterando a perspectiva do que fora narrado –, partimos da hipótese de que um elemento frequente nas produções seria justamente a relação entre Literatura e História. Baseamo-nos aqui na visão de Walter Benjamin delineada nos textos “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e “Sobre o conceito da história”, ambos presentes em *Magia e técnica, arte e política* (Benjamin, 1987).

O romance ficcionaliza a história verídica do sequestro de duas crianças indígenas pelas mãos de dois cientistas alemães, Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, em 1820, incluindo elementos que dialogam com a cosmovisão indígena do povo Miranha. Ademais, seu foco está na menina raptada, que “recebe” de seus captores o nome de Isabella, mas a quem é permitido, na diegese, um nome indígena: Iñe-e. Há, também, uma conexão com o tempo presente, a partir da personagem Josefa, tradutora e escritora residente em São Paulo, que passa a ter conhecimento da história das duas crianças indígenas e vai até a Alemanha com o intuito de conhecer mais sobre elas. Por fim, a narrativa extrapola ainda mais seus limites ficcionais em direção ao real, ao fazer referência explícita ao líder indígena da etnia caiapó Raoni Metuktire e a manchetes de jornais que escancaram a negligência e a violência correntes contra os povos originários no Brasil, como, por exemplo, no trecho a seguir:

Em 2019 vamos desmarcar a reserva indígena Raposa Serra do Sol. Vamos dar fuzil e armas a todos os fazendeiros.
| Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, no Congresso Nacional em 21 de janeiro de 2016, quando ainda era deputado federal | (Verunsch, 2021, p. 144.)

A mudança da perspectiva eurocêntrica é bastante demarcada, de modo que a narrativa assume o ponto de vista de Iñe-e, menina sequestrada pelos alemães para ser exibida de forma animalesca e fetichizada em Munique. Essa narrativa-reconstrução exemplifica o que Benjamin descreveu ao dizer que “[a]ssim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1987, p. 205). O trabalho narrativo de Verunsch adquire um aspecto artesanal ao tecer uma obra artística que translada, em um movimento decolonial, o eurocentrismo dos relatos históricos dos próprios cientistas, bem como o papel de destaque dado posteriormente aos dois. A intencionalidade fica clara no seguinte trecho, das páginas iniciais do romance:

E agora que já se sabe, sigamos pelo começo de tudo. Por aquilo que foi determinado como o começo de tudo. E embora alguém possa refutar e dizer que esta história começou com um rei que, com o bisaco cheio de moedas da ávida burguesia, resolveu lançar-se ao mar, aquele mesmo, o Tenebroso, eu desminto e digo que tudo começou mesmo em Iñe-e. (Verunsch, 2021, p. 16.)

Assim, o fazer narrativo, a “mão do oleiro”, possibilita uma mudança de olhar, em que uma personagem indígena cujo nome fora esquecido pela historiografia pode ter sua perspectiva privilegiada, devolvendo-lhe a voz. Quanto aos relatos históricos, é evidente o prestígio que fora – e é – concedido aos cientistas, como aludido nas menções às ruas Spix e Martius na Alemanha (Verunsch, 2021). Frente a essa observação, ecoa a célebre frase “[n]unca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (Benjamin, 1987, p. 225). Ideia similar aparece neste fragmento do romance: “[o] castelo, embora possa ser lar e fortificação, casa e posto de combate, [...] é, também e sobretudo, a marca da ruína” (Verunsch, 2021, p. 65). Desse modo, a imponência da nobreza e dos relatos históricos é contrastada com a ficcionalização que permite enxergar o monumento enquanto barbárie, o castelo enquanto ruína.

A partir dessas reflexões, postulamos, *a priori*, a hipótese de que um tema importante das pesquisas publicadas seria essa reapropriação da história, uma tentativa de “escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 1987, p. 225). Seguindo essa linha, seria de se esperar, em algum grau, a presença também de embasamentos teóricos de vertente decolonial e/ou pós-colonial. Por último, outro ponto significativo a se considerar é a expressão do feminino, levando-se em conta que se trata de um livro escrito por uma autora, com uma personagem principal feminina, que se associa diretamente com uma personagem localizada no tempo presente, também mulher. A questão é tratada diretamente no romance por meio de reflexões da narrativa que se misturam com a questão histórica do país, como vemos no trecho a seguir:

Josefa é uma mulher que fugiu. Em todo lugar do mundo, em qualquer tempo, há uma mulher fugindo. Quando uma mulher foge, invariavelmente foge de sua história, de um passado incômodo que se materializa numa relação abusiva, ou de uma vida que se afigura mesquinha ou limitante, ou dos ecos de algum fracasso, ou de uma vida que não soube ou não pôde se reinventar. (Verunsch, 2021, p. 87-88.)

Após essa revisão, também investigamos a produção já realizada acerca dos romances posteriores, mencionados anteriormente. Ademais, foram pesquisados estudos sobre o conto “O salto e o salto da grande onça” (Verunsch, 2024), disponibilizado gratuitamente em formato *e-book* e publicado em 2024, centralizado na figura de Josefa, que visita o território Miranha. Por último, analisamos os dados tendo em vista nossas hipóteses iniciais.

2 Metodologia

Durante o processo de levantamento de dados, consultamos em um primeiro momento o Google Acadêmico, no dia 16 de fevereiro de 2026, pesquisando os termos <“o som do rugido da onça”>, aspas inclusive. O acréscimo das aspas garantiu que os resultados iriam se referir tão somente a publicações que contivessem as palavras nessa ordem, assegurando que se trataria necessariamente de menções ao título do romance. Em seguida, separamos os resultados por ano, de 2021 a 2026, e, então, abrimos cada resultado para averiguarmos sua relevância para a revisão. Não consideramos

menções breves ao romance, tampouco pequenas análises que não compusessem ao menos uma subseção dedicada ao romance. Também não incluímos resultados de resumos ou breves anais de eventos acadêmicos.

Dessa forma, tivemos, dentre os resultados: artigos, resenhas, capítulos de livro, trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Depois disso, foi feita a consulta ao Catálogo de Teses & Dissertações da CAPES (na mesma data), que retornou duas dissertações (Names, 2024; Figueiredo, 2025). Por último, seguimos o mesmo procedimento para os seguintes textos: o conto “O salto e o salto da grande onça” (2024) e os romances *Caminhando com os mortos* (2023) e *Depois do trovão* (2025).

3 Resultados

Foram identificados, ao todo: 20 artigos, 2 resenhas, 3 capítulos de livro, 3 dissertações de mestrado, 2 trabalhos de conclusão de curso, 2 subseções de dissertações e 1 subseção de tese de doutorado. Discriminamos, no quadro 1, os artigos, divididos por ano e, então, por ordem alfabética de acordo com o primeiro autor:

Quadro 1 – Artigos sobre *O som do rugido da onça*

1	A história pelo retrovisor: o legado da espoliação e a onça mítica em <i>O som do rugido da onça</i> de Micheline Verunsch (Dias, 2022)
2	“Interminável onça”, de João Guimarães Rosa a Micheline Verunsch: Reflexões em torno de “Meu tio, o Iauaretê” e <i>O som do rugido da onça</i> (Rebelo, 2022)
3	“Contar, entre as rachaduras, esta história”: fragmentação como estratégia formal em “O som do rugido da onça”, de Micheline Verunsch (Abreu, 2023; 2024) ¹
4	Tempo, ontologia e escrita: notas sobre história e literatura a partir da <i>Paixão segundo G.H.</i> (1964), de Clarice Lispector, e <i>O som do rugido da onça</i> (2021), de Micheline Verunsch (Athayde; Schualtz, 2023)
5	Concerto de Feras: a Vocalização do Devir-Animal em <i>A Confissão da Leoa</i> (2012), de Mia Couto, e <i>O Som do Rugido da Onça</i> (2021), de Micheline Verunsch (Cadó; Welter, 2023)

¹ O artigo foi, aparentemente, publicado em 2023 e republicado em 2024 em periódicos diferentes. Os dois foram contados, na revisão, como apenas um. Para o Gráfico 1, foi considerada a publicação original de 2023.

6	Lembrar, criar e resistir: uma análise de <i>O som do rugido da onça</i> de Micheline Verunschik (Silva; Silva, 2023)
7	<i>O som do rugido da onça</i> : reescrever a história pelo encantamento do mundo (Bess, 2024)
8	O signo da fera: uma leitura antropofágica de “O som do rugido da onça”, de Micheline Verunschik (Dias, 2024)
9	Ferir melhor: especulação, luto e vingança em <i>O som do rugido da onça</i> (Fernandes; Menezes, 2024)
10	Corpos, tempo, literatura e história em <i>O som do rugido da onça</i> (2021) de Micheline Verunschik e <i>Huaco retrato</i> (2022) de Gabriela Wiener (Freitas, 2024)
11	Ruge a carta, corresponde o arado, ara o rugido: utopias de comunidade na literatura brasileira contemporânea (Moraes, 2024)
12	Silêncio e resistência no regionalismo dos dias de hoje (Pereira, 2024)
13	Do relato, da expedição e da reescrita ficcional: de Spix e Martius a Verunschik (Pereira Filho; Mibielle, 2024)
14	A minha maloca: uma leitura autoetnográfica de <i>O som do rugido da onça</i> (Santos, Josalba, 2024)
15	Qual linguagem fala a colonialidade? (Santos, Júlia, 2024)
16	A narrativa como subversão da história única em <i>O som do rugido da onça</i> , de Micheline Verunschik (Caser; Leite, 2025)
17	Leituras da ficção contemporânea: entre temas e estilos (Cruz, 2025)
18	Tensiones entre archivos, historia y literatura en <i>Um defeito de cor</i> (2006) de Ana Maria Gonçalves y <i>O som do rugido da onça</i> (2021) de Micheline Verunschik (Freitas, 2025)
19	Imagens do rugido da onça: uma perspectiva decolonial do (contra)romantismo brasileiro (Andrade, 2026)
20	Os tempos e os “desencantamentos” da história: uma análise do romance <i>O som do rugido da onça</i> (2021), de Micheline Verunschik (Freitas, 2026)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Também vale mencionar o artigo “Traçando rotas de leitura: um mapeamento da prosa brasileira contemporânea” (Chiarelli, 2025), que se deteve certa atenção ao romance, mas que, como denota o título, não o teve como objeto principal de pesquisa, e sim como um dos elementos das narrativas brasileiras em prosa na contemporaneidade. Por este motivo, consideramos importante sua menção, porém não sua inclusão na contagem da revisão.

Em relação a resenhas, uma foi publicada no mesmo ano do romance (Torre, 2021) e, outra, dois anos depois (Silva, 2023). Uma vez que o gênero da resenha segue uma linha mais eminentemente crítica do que de pesquisa – embora, naturalmente, essas fronteiras nos Estudos Literários sejam bastante tênues –, não nos debruçaremos sobre elas nesta revisão.

Localizamos, então, dois capítulos de livro dedicados à obra: “Decolonial Storytelling in Micheline Verunsch’s *O som do rugido da onça*” (Lehnen, 2025)² em *Cultural Labour and Contemporary World Literatures in Portuguese*; e uma republicação do artigo de Dias (2022), com o mesmo nome, em seu livro *Tristes literaturas: contrapontos da literatura brasileira* (Dias, 2025). Durante a pesquisa, também observamos a existência do capítulo “Pode me chamar de água: esquecimento e vigilância na prosa de José de Alencar e Micheline Verunsch” (Chiarelli, 2023), no livro *Histórias de água*. Não tivemos acesso à obra, mas estudiosos que a resenharam (Casais, 2024; Marzullo, 2024) explicitam que o capítulo fez um cotejo entre *Iracema*, de José de Alencar, e *O som do rugido da onça*.

No âmbito de produções de conclusão de graduação e pós-graduação, identificamos três dissertações de mestrado e dois trabalhos de conclusão de curso que se dedicaram principalmente ao romance. As dissertações foram: (1) *Cosmóvisões, ancestralidades e memórias que não querem calar nos rugidos da onça, de Micheline Verunsch* (Names, 2024); (2) “Autoria emergente contemporânea” e “Escrita do corpo”: um estudo aplicado a romances decoloniais escritos por mulheres (Mantovani, 2024); e (3) *Sobre parentescos entre humanos e não-humanos em três romances latino-americanos contemporâneos* (Figueiredo, 2025). Por sua vez, há os dois TCCs: (1) *O som do rugido da onça: ecos da violência no romance de Micheline Verunsch* (Azambuja, 2025); e (2) *Identidade e autodescoberta: a relação de Iñe-e e Josefa em O som do rugido da onça, de Micheline Verunsch* (Lopes, 2025).

Por último, foram identificadas duas dissertações e uma tese de doutorado, que contam com uma subseção dedicada ao romance, embora ele não seja o principal objeto de estudo do trabalho. São eles: a subseção 1.2.1 “Micheline Verunsch” da dissertação de Renata de Oliveira Klipel (2023, p. 34-38); o subcapítulo 4.1 “*O som do rugido da onça, de Micheline Verunsch*” da tese de Luana Jessica Della-Flora (2024, p. 180-198); e o item 4.3 “*O som do rugido da onça (2021)*” da dissertação de Paulo Henrique Pimenta (2025, p. 70-74).

² Segundo a página do capítulo, ele foi publicado online originalmente em 2024, embora o livro completo tenha como data de publicação 2025. Para nossa contagem, consideramos o ano original de publicação do texto, 2024.

A seguir, discutimos os padrões emergentes a partir desse conjunto de dados. Estamos interessados, aqui, em distinguir quais trabalhos se ocuparam apenas com o romance e quais empreenderam um estudo comparativo com outras obras, bem como em identificar os recortes temáticos e teóricos efetuados. Em seguida, são delineadas certas tendências dos procedimentos de pesquisa adotados pelas publicações. Por fim, fazemos um panorama dos estudos em torno das publicações posteriores de Micheline Verunschik.

4 Discussão

Após o levantamento dos textos discriminados na seção anterior, prosseguimos para o traçado do panorama das pesquisas publicadas sobre *O som do rugido da onça* até o momento da escrita do presente artigo. Para tanto, foi realizada a leitura dos resumos dos artigos, das dissertações e dos TCCs, bem como a procura de trechos que resumissem a proposta dos capítulos de livros e das subseções de dissertações e da tese. Então, realizamos a consulta das referências bibliográficas dos trabalhos selecionados, a fim de encontrar padrões recorrentes. Prossegue-se à discussão dos achados.

Foram prestigiados na análise os trabalhos que tiveram como objeto principal de pesquisa o romance em tela, seja como objeto único ou em comparação com uma ou mais obras. Em todo caso, vale mencionar as dissertações e a tese em que a obra foi brevemente analisada. Klipel (2023), em sua dissertação, discorre sobre o autor angolano Ruy Duarte de Carvalho, e traz o romance de Verunschik como exemplo comparativo de uma narrativa brasileira preocupada com a relação entre História e Literatura, além da representação da cultura e cosmovisão indígenas. Por sua vez, Della-Flora (2024) empreende um panorama da literatura brasileira contemporânea em sua tese, incluindo *O som do rugido da onça* como ilustrativo do movimento de dar voz a grupos sociais que foram marginalizados pela sociedade.

Por fim, na dissertação de Pimenta (2025), o pesquisador investigou a chamada *Trilogia infernal*, composta pelos romances *Aqui, no coração do inferno* (2016), *O peso do coração de um homem* (2017) e *O amor, esse obstáculo* (2018), todos de Verunschik. O autor se detém, em parte, na representação

feminina e sua relação com os diferentes modos de violência, e faz uma análise breve dessa temática em *O som do rugido da onça*, bem como da questão de perspectivas dos grupos socialmente oprimidos. Pimenta (2025) também analisa rapidamente o romance seguinte, *Caminhando com os mortos* (2023).

4.1 Pesquisas comparatistas

Algo que chama atenção é a forte presença de estudos comparatistas: oito dos 20 artigos, um dos dois capítulos de livros e duas das três dissertações fazem cotejos com outras obras literárias – ou, no caso de um artigo (Pereira, 2024), com uma obra cinematográfica. Destaca-se o primeiro artigo a ter sido publicado sobre o romance, “‘Interminável onça’, de João Guimarães Rosa a Micheline Verunschik” (Rebelo, 2022).

Rebelo (2022) empreendeu um cotejo do romance da autora com o conto “Meu tio, o Iauaretê”, de 1961, do autor Guimarães Rosa, em que o personagem principal, um caçador de onças filho de uma mulher indígena e um homem branco, transforma-se gradualmente em onça. A relação com o fenômeno de onçamento pelo qual Iñe-e passa na narrativa da pernambucana seria retomada de forma recorrente.³ Em suas considerações, o autor afirma:

Micheline Verunschik, como exemplo mais recente, mas também muitas outras narrativas, antes e depois de Guimarães Rosa, são ecos de rugidos de onças intermináveis. Partindo do protagonismo do animal selvagem no conto de Guimarães Rosa, “Meu tio, o Iauaretê”, assim como das palavras emprestadas a Iñe-e no romance *O som do rugido da onça*, mostrou-se o poder subversivo da voz desde o oprimido que leva o leitor a repensar estas e outras histórias. Para além da linguagem, caracterizada pela oralidade, a hibridez linguística e estratégias narrativas como a edição, a elipse e saltos temporais, aspetos como a identidade, a metamorfose e a transcendência, mas também as limitações dos mesmos, foram aqui contrastados e provaram ter a onça como denominador comum. Ambos os textos, com palavras indomesticadas, parecem propor ao leitor uma mensagem de escuta atenta dos seus rugidos de onça num silêncio selvagem que nos aproxima mais do “outro” a partir da autorreflexão. (Rebelo, 2022, p. 132-133.)

³ Também citam o conto “Meu tio, o Iauaretê” os artigos de Dias (2022), Abreu (2023; 2024), Cadó; Welter (2023), Pereira (2024); o capítulo de livro de Lehnen (2025) e as dissertações de Names (2024) e Figueiredo (2025).

As demais pesquisas comparatistas englobam obras diferentes, com uma tendência para diálogos com outros livros da literatura brasileira, mas também incluindo outros países da América Latina, e um exemplo de literatura africana lusófona. Citaremos primeiramente as comparações com textos brasileiros, seguindo um critério cronológico.

Interessada no tipo de literatura que trata de temas e personagens indígenas escrita por não-indígenas, Chiarelli (*apud* Casais, 2024; Marzullo, 2024) realiza um cotejo com *Iracema*, de José de Alencar. Não tivemos acesso à obra, mas Dias (2022) também faz um paralelo pontual:

O paralelismo, o predomínio da comparação sobre as metáforas e a abundância das imagens tiradas da floresta recuperam características levantadas por Cavalcanti Proença na análise de *Iracema* [...]. Um exemplo é a apresentação dos sentimentos da protagonista, após partir com os cientistas, no início de sua provação. (Dias, 2022, p. 133.)

Antes dos estudos de literatura contemporânea, Athayde e Schualtz (2023) empreendem um diálogo entre *O som do rugido da onça* e o romance pós-modernista *Paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector em “Tempo, ontologia e escrita”. Segundo os autores, o ponto de contato entre ambos seria “sua capacidade de desestabilização do tempo instituído, e isso por meio da linguagem e de suas estratégias discursivas, questões que se apresentam, dissonantemente, em ambos os textos selecionados” (Athayde; Schualtz, 2023, p. 1). Um ponto importante é a relação entre História e Literatura que, como será discutido adiante, é bastante saliente na bibliografia levantada.

As outras oito publicações de Literatura Comparada englobam obras contemporâneas. Freitas (2025) escreveu um texto em espanhol em que faz um contraste do livro de Verunschik com *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves (2006). Mantovani (2024), por sua vez, em sua dissertação, elencou como contraponto os romances *O manto da noite* (2022), de Carola Saavedra, e *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) e *Solitária* (2022), ambos de Eliana Alves Cruz. Interessante observar que os dois estudos objetivaram abrir diálogos com outras autoras mulheres, o que é particularmente relevante para a então mestranda Mantovani (2024), cujo recorte teórico se deu justamente em torno da escrita feminina.

Por fim, tanto Moraes (2024) quanto Cruz (2025) investigaram o cenário da literatura brasileira contemporânea, de modo que a discussão acerca dos romances serviu como representação dos padrões que procuraram descrever. O primeiro posicionou, ao lado do romance de Verunschik, *Carta à rainha louca* (2019), de Maria Valéria Rezende, e *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Por sua vez, Cruz (2025) também agenciou o romance premiado de Itamar, bem como *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, e *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polesso.

Ainda no universo artístico brasileiro, Pereira (2024) propôs um diálogo intermediático com o filme *Bacurau* (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho. Seu foco esteve na representação da resistência social, em especial a partir dos personagens das duas narrativas, dentro da ótica dos regionalismos contemporâneos. O estudo se distingue da tendência dos estudos comparativos envolvendo *O som do rugido da onça*, pois, como vimos até o momento e continuaremos vendo, toda a pesquisa comparatista – à exceção do cotejo inaugural com o conto “Meu tio, o Iauaretê” – dedicou-se a confrontá-lo com outros romances. A contribuição de Pereira (2024) é, portanto, uma adição valiosa no esforço de expandir os campos de investigação da ficção de Verunschik.

Em sua dissertação de mestrado, Figueiredo (2025), de forma similar a Moraes (2024) e Cruz (2025), teve como fito pesquisar a literatura contemporânea, com um escopo mais amplo, a saber, em sua expressão na América Latina. Para tanto, a autora privilegiou autoras femininas, com os romances *A cachorra* (2017), da colombiana Pilar Quintana, e *Não é um rio* (2020), da argentina Selva Almada. Seu estudo se organizou em volta da temática do animalesco, ou do não-humano, nas obras selecionadas. Por outro lado, Freitas (2024) empreendeu uma comparação com outra autora latino-americana, ao estudar *Huaco retrato* (2021), da peruana Gabriela Weiner (traduzido, no Brasil, como *Exploração*).

Saindo da América Latina, mas mantendo-se no âmbito da lusofonia, Cadó e Welter (2023) pesquisaram o romance de Verunschik ao lado de *A confissão da leoa* (2012), do moçambicano Mia Couto. Os autores valeram-se do conceito de devir-animal dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari para tratar da temática do animalesco presente em ambos os romances. Fica evidente, com esse

apanhado de estudos comparativos, que a obra de Verunschik proporciona diálogos produtivos entre expressões literárias de diferentes origens.

4.2 Recortes de estudo

Como delineado de início, a hipótese principal da presente revisão foi a primazia da temática da releitura histórica, que não necessariamente altera o registro da historiografia, mas propõe novas perspectivas. Baseamo-nos, assim, no conceito benjaminiano de escovar a história a contrapelo. Identificamos que a relação entre Literatura e História foi o mote principal, ou dentre os principais, em pelo menos sete artigos – Athayde e Schualtz, (2023), Abreu (2023; 2024), Silva e Silva (2023), Bess (2024), Pereira Filho e Mibielle (2024), Freitas (2025) e Freitas (2026) – e um TCC – Lopes (2025). Em relação à presença do olhar de Walter Benjamin, observa-se que o autor foi frequentemente citado, aparecendo em cinco dos artigos e duas dissertações de mestrado.⁴

Também foi levantada anteriormente a hipótese de haver estudos de vertente explicitamente decolonial e/ou pós-colonial. Nesse sentido, destacam-se os artigos de Abreu (2023; 2024), Júlia Santos (2024) e Andrade (2026), além do capítulo de livro de Lehnem (2025) e da dissertação de Mantovani (2024). Ao verificarmos as referências dos textos consultados, também se evidenciou a inclusão de nomes importantes da área, como o argentino Walter Mignolo,⁵ o camaronense Achille Mbembe⁶ e a indiana Gayatri Chakravorty Spivak.⁷

Em relação à questão do feminino, conseguimos discriminar apenas um trabalho que a teve como o norteador principal e explícito de pesquisa, a dissertação de mestrado *“Autoria emergente contemporânea” e “Escrita do corpo”: um estudo aplicado a romances decoloniais escritos por mulheres*, de Mantovani (2024). A autora analisa o romance em comparação com os textos de

⁴ Artigos: Dias (2022), Athayde e Schualtz (2023), Bess (2024), Moraes (2024) e Júlia Santos (2024). Dissertações: Mantovani (2024) e Figueiredo (2025).

⁵ Artigos: Silva e Silva (2023), Bess (2024), Freitas (2024) e Freitas (2026). Capítulo de livro: Lehnem (2025).

⁶ Artigos: Freitas (2024) e Moraes (2024). Capítulo de livro: Lehnem (2025). Dissertações: Mantovani (2024) e Figueiredo (2025).

⁷ Artigos: Dias (2024) e Moraes (2024). Dissertação: Mantovani (2024).

Saavedra e Alves Cruz (como já mencionado), lançando seu olhar sobre as personagens femininas:

No caso do romance *O som do rugido da onça*, o corpo-sintoma é adotado em primeiro lugar pela personagem Iñe-e, que retoma a sua voz, mesmo depois de morta, adotando uma linguagem que lhe permite fazer a devida reparação histórica, aquela que por vias das zarabatanas não aconteceu, na ocasião de seu rapto, em 1817. [...] Outro aspecto importante de ser analisado enquanto corpo-sintoma, é o da personagem Josefa, uma mulher em fuga, que parece expor o processo criativo da autora do romance. Josefa se coloca à serviço de uma reparação histórica protagonizada pela personagem Iñe-e, encontrando para si um novo lugar de atuação dentro da história. (Mantovani, 2024, p. 61-62.)

Ao longo da leitura dos resumos, de alguns trechos e das referências das obras, ficou bastante clara, ademais, a preocupação com a representação de personagens indígenas e de sua cosmovisão. Nesse sentido, destacam-se os artigos de Dias (2022), Freitas (2024) e Andrade (2026), ao lado da dissertação de Names (2024). Outrossim, um autor se fez bastante presente nas obras discriminadas, em especial um de seus textos: trata-se do filósofo indígena Ailton Krenak e seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). A obra foi citada em 8 dos 20 artigos, em 2 das 3 dissertações e em 1 dos 2 TCCs,⁸ fazendo dela uma leitura praticamente consensual para discussões de *O som do rugido da onça*. Ao seu lado, o também escritor indígena Davi Kopenawa é citado com frequência quase equiparável,⁹ o que não surpreende, considerando a presença de uma epígrafe sua no romance.

Por último, outro tema que também teve uma recorrência relativamente significativa foi o símbolo do animalesco, que surge de forma sugestiva a partir da imagem da onça, presente desde o título do romance de Verunschik. A temática foi abordada, naturalmente, pelo artigo inaugural de Rebelo (2022), assim como pelos textos de Cadó e Welter (2023) e Dias (2024), e pela dissertação de Names (2024).

⁸ Artigos: Rebelo (2022), Athayde e Schualtz (2023), Cadó e Welter (2023), Silva e Silva (2023), Bess (2024), Dias (2024), Josalva Santos (2024) e Freitas (2025). Dissertações: Names (2024) e Mantovani (2024). TCC: Lopes (2025).

⁹ Artigos: Abreu (2023; 2024); Josalva Santos (2024); e Freitas (2025; 2026). Capítulo de livro: Lehnen (2025). Dissertações: Names (2024); Mantovani (2024); e Figueiredo (2025). TCCs: Azambuja (2025) e Lopes (2025).

Desse modo, foram confirmadas parcialmente as hipóteses traçadas *a priori*. De fato, a relação entre Literatura e História foi de interesse de grande parte dos pesquisadores, sendo um dos temas mais recorrentes. Nesse sentido, também se comprovou a frequência de citações a Walter Benjamin, pensador particularmente interessado nesse diálogo transdisciplinar. Mais prevalente ainda, porém, foi o escritor indígena Ailton Krenak (2019), como mencionado, comprovando a importância da questão indígena nos estudos da obra. De forma similar, porém recorrendo a autores diferentes, as perspectivas decoloniais e pós-coloniais também se fizeram presentes de forma importante, como esperado. Por sua vez, a temática da relação do animalesco com o humano emergiu como foco de algumas das publicações. A observação mais surpreendente e contrastante com as hipóteses iniciais é a de que poucas pesquisas, até o momento, se detiveram majoritariamente na questão da representação do feminino. Essa lacuna pode indicar caminhos de pesquisa futuros a serem investigados pelos estudiosos do romance.

4.3 Tendências de pesquisa

Examinando as referências das publicações em discussão, procurou-se averiguar se, à medida que estudos sobre *O som do rugido da onça* se acumulavam, seria observada a citação de produções anteriores. A presunção é de que a boa prática do pesquisador promove seu interesse por comparar suas hipóteses e achados com os de predecessores. Ademais, tal levantamento permite indicar quais dessas publicações foram consideradas relevantes para os estudiosos que se seguiram.

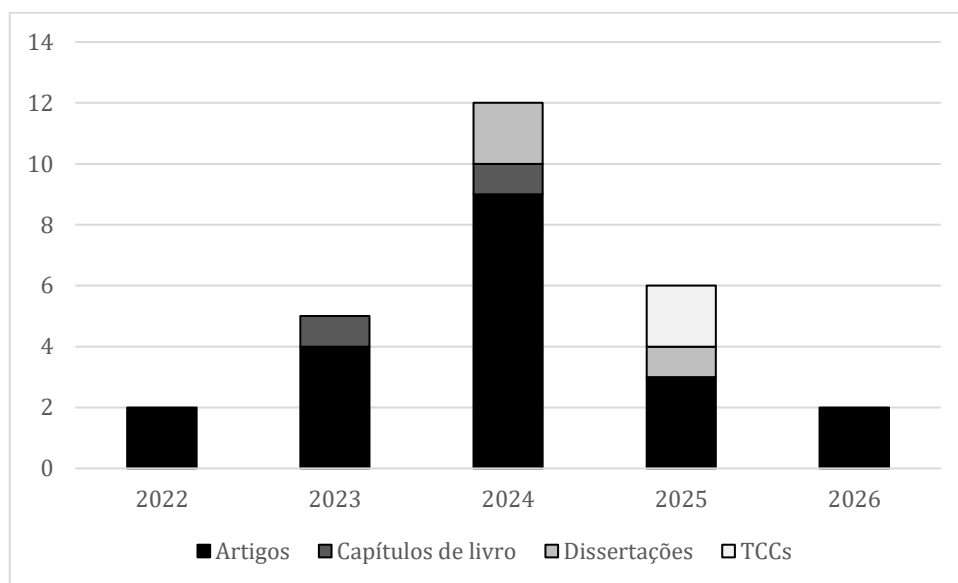
Pelo que pôde ser averiguado, as pesquisas, em geral, não citaram estudos prévios sobre o romance. Dentre os artigos, apenas quatro realizam esse procedimento, e cada um faz menção a apenas um estudo. Athayde e Schualtz (2023) e Cadó e Welter (2023) – bem como o capítulo de livro de Lehnen (2025) – citam Rebelo (2022); enquanto Pereira Filho e Mibielle (2024) e Júlia Santos (2024) citam Dias (2022). As publicações que fazem uma investigação mais ampla são o trabalho de conclusão de curso de Lopes (2025) e a dissertação de

Figueiredo (2025); a primeira faz referência a quatro dos artigos,¹⁰ e o segundo, a três.¹¹

Dessa forma, os artigos mais frequentemente citados por outras publicações acerca do romance são os textos inaugurais de Rebelo (2022), “‘Interminável onça’, de João Guimarães Rosa a Micheliny Verunschck”, e de Dias (2022), “A história pelo retrovisor”, com quatro citações cada um. Por sua vez, Bess (2024), Freitas (2024), Josalba Santos (2024) e Moraes (2024) são citados, cada um, uma vez.

Passamos agora à discussão acerca do número de publicações ao longo do tempo. Para facilitar a visualização, apresenta-se o seguinte gráfico, contendo os trabalhos inéditos¹² que tiveram como objeto principal de pesquisa (em literatura comparada ou não) *O som do rugido da onça*:

Gráfico 1 – Publicações sobre *O som do rugido da onça* ao longo do tempo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como o gráfico demonstra, há um pico de publicações que se debruçam sobre o romance em 2024, com um total de 9 artigos (quase metade do total), 1 capítulo de livro e 2 dissertações. O número é um salto em relação ao ano

¹⁰ Dias (2022), Bess (2024), Freitas (2024) e Josalba Santos (2024).

¹¹ Dias (2022), Rebelo (2022) e Moraes (2024).

¹² Não consideramos, portanto, a republicação de Abreu em 2024, ou a de Dias em 2025, mas sim seus primeiros artigos.

anterior; o ano seguinte, porém, tem uma redução expressiva no número de artigos, com apenas 3 publicados. A diminuição é parcialmente compensada pela presença de mais 1 dissertação e de 2 trabalhos de conclusão de curso. Considerando que até a escrita da presente revisão, em fevereiro de 2026, já foram publicados 2 artigos, indica-se a possibilidade de que poderá haver um renovado aumento do número total de publicações até o final do ano.

Fica demonstrado, portanto, que, apesar do pico de 2024 não ter se mantido, o interesse acerca do romance se sustenta ao longo do tempo. Os TCCs de 2025 também sugerem que a obra demorou um pouco para ter sua relevância sentida no nível de graduação, o que ocorreu pelo menos dois anos antes na pós-graduação – considerando o lapso estimado de integralização de um curso de mestrado. Lembremos que houve ainda outras duas dissertações (Klipel, 2023; Pimenta, 2025) e uma tese (Della-Flora, 2024) que se interessaram em discutir, ao menos parcialmente, o livro de Verunschik.

Por último, foi realizado, de forma complementar à presente revisão, um levantamento de publicações que teriam se envolvido com as obras posteriores de Micheline Verunschik. São elas: os romances *Caminhando com os mortos* (2023) e *Depois do trovão* (2025), além do conto “O salto e o salto da grande onça” (2024), considerado relevante por ter dado continuidade à narrativa da personagem Josefa.

Em relação ao conto, não foi possível localizar, por meio de busca no Google Acadêmico, quaisquer menções em publicações acadêmicas. Embora esteja disponível de forma gratuita em meios online, essa ausência pode ser explicada por um desconhecimento acerca do texto. Seria interessante, de qualquer modo, que alguma pesquisa futura se dedicasse ao conto, tendo em vista que ele narra a viagem de Josefa ao território Miranha, conectando espacialmente as duas personagens do livro, a mulher contemporânea e a menina Iñe-e. Desse modo, tais estudos podem abordar as temáticas do feminino ou da representação indígena na literatura.

Por outro lado, o romance de 2023 foi objeto do capítulo “*Caminhando com os mortos*, para honrar as suas histórias”, de Frasso, presente no livro *Interfaces Culturais da Leitura e da Criação Literária* (Gomes; Santos; Frasso, 2025, p. 184-200). Aqui, segundo os organizadores do livro, o autor “afirma que

a narrativa em questão é polifônica por articular diferentes vozes narrativas que expõem a brutalidade do feminicídio e as contradições presentes em sua representação literária” (Gomes; Santos; Frasão, 2025, p. 10). Pode-se depreender que há uma continuidade no tema da violência contra grupos sociais vulnerabilizados, além do foco na questão do feminino.

A dissertação de Pimenta (2025), como fizera ao dedicar um subcapítulo a *O som do rugido da onça*, também o fez com *Caminhando com os mortos*. Até o momento, são as únicas duas publicações que se voltaram para esse romance, apesar de ele também ter recebido um prêmio de bastante importância no meio literário, o Oceanos de 2024 na categoria Prosa. Estudos futuros sobre a obra serão de bastante valia, considerando a presença de temas que já foram abordados nas pesquisas acerca do romance anterior.

Até onde foi possível averiguar, não foram identificados trabalhos que tenham analisado o romance mais recente da autora, *Depois do trovão* (2025). Tal falta não surpreende, considerando que a obra foi lançada muito recentemente, em 13 de junho de 2025. Nesse livro, Verunschck se volta novamente a narrar histórias centradas na questão indígena, dessa vez trazendo o personagem Auati, filho de uma mulher indígena e de um frei jesuíta – o que dialoga diretamente com o conto “Meu tio, o Iauaretê”, de Guimarães Rosa. A caracterização do personagem é fecunda para discussões acerca do indígena na sociedade brasileira, além da releitura histórica, ao abordar a “Guerra dos Bárbaros”, que ocorreu nos séculos XVII e XVIII no país. Conforme se observa, Micheline Verunschck continua interessada, em sua ficção, a escovar a história a contrapelo.

5 Considerações finais

Não obstante o pouco tempo decorrido desde a publicação de *O som do rugido da onça*, ocorrida em 9 de março de 2021, uma produção bibliográfica significativa já foi produzida acerca do livro. Como discutido, parte do interesse pode ser explicada pela notoriedade conferida ao ganhar o Prêmio Jabuti em 2022. Em nossa revisão, foram levantadas as publicações acadêmicas que tiveram como objeto de estudo essa obra da pernambucana Micheline Verunschck. Este

estudo se justificou pelo objetivo de identificar padrões nos procedimentos de pesquisa, bem como nos temas abordados.

Delimitado o corpus central da revisão, com um total de 27 publicações inéditas, seguiu-se a sua análise. O romance foi frequentemente objeto de pesquisas em Literatura Comparada, tendo sido o caso de nove dos textos discriminados. Entre esses, a maior parte (sete) efetuou a comparação com outros romances contemporâneos: quatro com narrativas brasileiras, dois com obras de países latino-americanos (nomeadamente, Colômbia, Argentina e Peru) e um com um livro africano lusófono (de Moçambique). Dos outros dois estudos, um fez o cotejo com um romance do Romantismo e o outro do Pós-modernismo, ambos brasileiros. Há ainda um artigo que confrontou a obra literária com uma produção cinematográfica contemporânea. Ademais, o trabalho comparatista inaugural foi o artigo de Rebelo (2022).

Frente a esses dados, entende-se que o texto de Rebelo (2022), em particular, foi fundacional, o que se demonstra não apenas por sua primazia, mas por ser um dos textos mais referenciados posteriormente – ao lado de Dias (2022). Outrossim, o objeto de comparação, o conto “Meu tio, o Iauaretê”, de Guimarães Rosa, seria mencionado recorrentemente em publicações futuras, provando a relevância do paralelo levantado por Rebelo. Em relação à escolha dos objetos a serem comparados, observa-se que têm sido privilegiados diálogos com romancistas contemporâneos. As pesquisas com autoras latino-americanas podem ser entendidas, considerando-se a temática d’*O som do rugido da onça*, a partir das similaridades dos processos históricos dos países, colonizados por potências europeias que subjugaram seus povos originários.

Quanto aos temas tratados de forma recorrente no corpus, confirmou-se a presença esperada de estudos acerca da relação entre Literatura e História, central no romance, com pelo menos oito das publicações privilegiando tal recorte. Entre os outros temas de maior frequência, destacam-se: a representação de personagens e cosmovisões indígenas; as perspectivas decoloniais e/ou pós-coloniais; e, em menor medida, a simbologia animalesca presente no romance. Investigações que se ocuparam principalmente com a questão feminina na ficção foram consideravelmente escassas, devendo-se mencionar a dissertação de Mantovani (2024) e sua pesquisa acerca da escrita feminina. A observação

demonstra uma lacuna que pode vir a ser fecunda em obras futuras sobre o romance.

Ao considerar a evolução do número de publicações, percebe-se um auge em 2024 – com um total de 12 estudos inéditos. O decréscimo em 2025 – em que os números caíram à metade – parece, em um primeiro momento, estar em vias de ser revertido em 2026, considerando que dois artigos já haviam sido publicados antes da metade de fevereiro. É possível, ademais, que vejamos o surgimento de pesquisas que coloquem em diálogo o romance em tela com as produções posteriores da autora: *Caminhando com os mortos* (2023), “O salto e o salto da grande onça” (2024) e *Depois do trovão* (2025).

Como discutido, o romance de 2023 pouco foi trabalhado até então, de modo que ele se apresenta como um caminho interessante para pesquisas futuras. O mesmo é verdade para o conto que dá prosseguimento à narrativa de Josefa – que, na verdade, sequer foi mencionado nos estudos acadêmicos, até onde foi possível averiguar –, personagem-chave de *O som do rugido da onça*. Por fim, o romance mais recente da autora também parece propiciar uma via de investigação bastante produtiva, abordando um período conturbado da historiografia brasileira. Além disso, *Depois do trovão* traz um personagem que se encontra no entrelugar de filho de uma mulher indígena e de não apenas um homem branco, mas um frei jesuíta. Assim, acreditamos que o cenário atual da ficção de Micheline Verunschik enseja caminhos relevantes para estudos por vir, propondo diálogos entre Literatura e História e além.

Referências

ABREU, Vinicius Cassiano Campos. “Contar, entre as rachaduras, esta história”: fragmentação como estratégia formal em “O som do rugido da onça”, de Micheline Verunschik. *Revista Crátilo*, v. 16, n.2, 2023, p. 19–31. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/4562>. Acesso em: 22 mai. 2026.

ABREU, Vinicius. “Contar, entre as rachaduras, esta história”: fragmentação como estratégia formal em “O som do rugido da onça”, de Micheline Verunschik. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, v. 17, n. 1, e10851, 2024. DOI: 10.30681/real.v17i01.10851. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/10851>. Acesso em: 19 fev. 2026.

ANDRADE, Marta Leone Costa dos Santos. Imagens do rugido da onça: uma perspectiva decolonial do (contra)romantismo brasileiro. *Revista Alembra*, v. 7, n. 15, p. 19–37, 2026. DOI: 10.47270/ra.v7i15.1247. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/alembra/article/view/1247>. Acesso em: 19 fev. 2026.

ATHAYDE, Cristian Bianchini de; SCHUALTZ, Juliano Lima. Tempo, ontologia e escrita: notas sobre história e literatura a partir da Paixão segundo G.H. (1964), de Clarice Lispector, e *O Som do rugido da onça* (2021), de Micheline Verunsch. *Revista Ágora*, v. 34, n. 1, e-2023340107, 2023. DOI: 10.47456/e-2023340107. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20260105142125/https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/39393/27586/139538>. Acesso em: 19 fev. 2026.

AZAMBUJA, Wallace Silveira. *O som do rugido da onça: ecos da violência no romance de Micheline Verunsch*. 2025. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/298152>. Acesso em: 19 fev. 2026.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. I).

BESS, Giana Antunes. O som do rugido da onça: reescrever a história pelo encantamento do mundo. *Literatura e Autoritarismo*, n. 43, e86746, 2024. DOI: 10.5902/1679849X86746. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/86746>. Acesso em: 19 fev. 2026.

CADÓ, Júlio César de Araújo; WELTER, Juliane Vargas. Concerto de Feras: a Vocalização do Devir-Animal em *A Confissão da Leoa* (2012), de Mia Couto, e *O Som do Rugido da Onça* (2021), de Micheline Verunsch. *Gragoatá*, v. 28, n. 61, e56312, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gragoata/a/P4RcvnPWFmm3LnGjwgtdLXK>. Acesso em: 19 fev. 2026.

CASAI, Allysson. Histórias de água: o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas, de Kathrin Saringen e Stefania Chiarelli. *Revista Conexão Letras*, v. 18, n. 30, 2024. DOI: 10.22456/2594-8962.136197. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/136197>. Acesso em: 19 fev. 2026.

CASER, Maria Mirtis; LEITE, Mariana Marise Fernandes. A narrativa como subversão da história única em *O som do rugido da onça*, de Micheline Verunsch. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 74, e7419,

2025. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/elbc/a/q4tLqnxxGkRx6X9t39qKbwL/>. Acesso em: 19 fev. 2026.

CHIARELLI, Stefania. Pode me chamar de água: esquecimento e vigilância na prosa de José de Alencar e Micheline Verunsch. In: SARTINGEN, Kathrin; CHIARELLI, Stefania (orgs.). *Histórias de água: O imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Berlin: Peter Lang, 2023.

CHIARELLI, Stefania. Traçando rotas de leitura: um mapeamento da prosa brasileira contemporânea. *Brasil/Brazil*, v. 38, n. 77, 2025, p. 13-30. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/brasilbrazil/issue/view/5304>. Acesso em: 19 fev. 2026.

CRUZ, Diego da. Leituras da ficção contemporânea: entre temas e estilos. *Signo*, v. 50, n. 97, 2025, p. 118–126. DOI: 10.17058/signo.v50i97.19992. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/19992>. Acesso em: 19 fev. 2026.

DELLA-FLORA, Luana Jessica. *Literatura brasileira contemporânea e as narrativas de uma nação (im)possível: parir um país, reaprender a nascer*. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2024. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/f88b443d-c5a9-4d7c-a9bf-87de83ea2a4c>. Acesso em: 19 fev. 2026.

DIAS, Ângela Maria. A história pelo retrovisor: o legado da espoliação e a onça mítica em *O som do rugido da onça* de Micheline Verunsch. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 24, n. 3, set. 2022, p. 121–136. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/bLNjPK47XLGx47nX7NBXWgj>. Acesso em: 19 fev. 2026.

DIAS, Ângela Maria. A história pelo retrovisor: O legado da espoliação e a onça mítica em *O som do rugido da onça* de Micheline Verunsch. In: DIAS, Ângela Maria. *Tristes literaturas: contrapontos da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima; Niterói: Eduff, 2025, p. 226-249. Disponível em: <https://www.edicoesmakunaima.com.br/2025/06/10/tristes-literaturas-contrapontos-da-literatura-brasileira/>. Acesso em: 19 fev. 2026.

DIAS, M. S. O signo da fera: uma leitura antropofágica de “O som do rugido da onça”, de Micheline Verunsch. *Travessias*, v. 18, n. 2, e32976, 2024. DOI: 10.48075/rt.v18i2.32976. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/32976>. Acesso em: 19 fev. 2026.

FERNANDES, Morgana; MENEZES, Ludimila. Ferir melhor: especulação, luto e vingança em *O som do rugido da onça*. *Revista Cerrados*, v. 33, n. 64, 2024, p. 29–37. DOI: 10.26512/cerrados.v33i64.52177. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/ceerrados/article/view/52177>. Acesso em: 19 fev. 2026.

FIGUEIREDO, Carolina Severo. *Sobre parentescos entre humanos e não-humanos em três romances latino-americanos contemporâneos*. 2025. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/264999>. Acesso em: 19 fev. 2026.

FRASÃO, Anderson de Souza. Caminhando com os mortos, para honrar as suas histórias. In: GOMES, Carlos Magno; SANTOS, Jocelaine Oliveira dos; FRASÃO, Anderson de Souza (org.). *Interfaces Culturais da Leitura e da Criação Literária*, v. 1. Aracaju: Criação Editora, 2025, p. 184-200. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/24497/2/InterfacesCulturaisLeituraCriacaoLiteraria.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

FREITAS, Renata Dal Sasso. Corpos, tempo, literatura e história em *O som do rugido da onça* (2021) de Micheline Verunschik e *Huaco Retrato* (2022) de Gabriela Wiener. *História, histórias*, v. 12, n. 23, 2024. DOI: 10.26512/rhh.v12i23.52735. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/52735>. Acesso em: 19 fev. 2026.

FREITAS, Renata Dal Sasso. Tensiones entre archivos, historia y literatura en *Um defeito de cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves y *O som do rugido da onça* (2021) de Micheline Verunschik. *Cuadernos del Sur Letras*, n. 55, 2025, p. 138–151. DOI: 10.52292/csl5520255436. Disponível em: <https://revistas.uns.edu.ar/csl/article/view/5436>. Acesso em: 19 fev. 2026.

FREITAS, Renata Dal Sasso. Os tempos e os “desencantamentos” da história: uma análise do romance *O som do rugido da onça* (2021), de Micheline Verunschik. *Revista Tempo e Argumento*, v. 17, n. 45, e0201, 2026. DOI: 10.5965/2175180317452025e0201. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180317452025e0201>. Acesso em: 19 fev. 2026.

GOMES, Carlos Magno; SANTOS, Jocelaine Oliveira dos; FRASÃO, Anderson de Souza (org.). *Interfaces Culturais da Leitura e da Criação Literária*, v. 1. Aracaju: Criação Editora, 2025. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/24497/2/InterfacesCulturaisLeituraCriacaoLiteraria.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

KLIPEL, Renata de Oliveira. *A terceira metade, de Ruy Duarte de Carvalho: lugar entre fronteiras e possíveis reencantamentos*. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258571>. Acesso em: 19 fev. 2026.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEHNEN, Leila. Decolonial Storytelling in Micheliny Verunsch's *O som do rugido da onça*. In: CASTELLANO, Carlos Garrido (ed.). *Cultural Labour and Contemporary World Literatures in Portuguese*. London: Palgrave Macmillan, 2025. p. 97-115. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-67213-2_6. Acesso em: 22 mai. 2026.

LOPES, Francisca Maria Silva. *Identidade e autodescoberta: a relação de Iñe-e e Josefa em O som do rugido da onça*, de Micheliny Verunsch. 2025. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras Português) – Departamento de Linguagens e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/items/7d3b40d2-2b90-4ee0-931f-a2a4463a6179>. Acesso em: 19 fev. 2026.

MANTOVANI, Lucila Losito. “*Autoria emergente contemporânea*” e “*Escrita do corpo*”: um estudo aplicado a romances decoloniais escritos por mulheres. 2024. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1407393>. Acesso em: 19 fev. 2026.

MARZULLO, Alexandre. Resenha: CHIARELLI, Stefania; SARTINGEN, Kathrin (orgs.). *Histórias de água – o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Berlim: Peter Lang, 2023. *O Eixo e a Roda*, v. 33, n. 1, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/52798. Acesso em: 19 fev. 2026.

MORAES, Ricardo Gaiotto de. Ruge a carta, corresponde o arado, ara o rugido: utopias de comunidade na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 73, e7308, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/pBwRLbd4YjMSjdj4CWyRTCM/>. Acesso em: 19 fev. 2026.

NAMES, Patrícia. *Cosmovisões, ancestralidades e memórias que não querem calar nos rugidos da onça*, de Micheliny Verunsch. 2024. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11209>. Acesso em: 19 fev. 2026.

PEREIRA, Danglei De Castro. Silêncio e resistência no regionalismo dos dias de hoje. *REVELL*, v. 2, n. 38, 2024, p. 249–261. DOI: 10.61389/revell.v2i38.8568. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/REV/article/view/8568>. Acesso em: 19 fev. 2026.

PEREIRA FILHO, Paulino Paulo; MIBIELLI, Roberto. Do relato, da expedição e da reescrita ficcional: de Spix e Martius a Verunsch. *Igarapé*, v. 17, n. 2, p. 158–168, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/8457>. Acesso em: 19 fev. 2026.

PIMENTA, Paulo Henrique. *Dialogismo, violência e sátira na Trilogia Infernal, de Micheline Verunsch*. 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2025. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/923522a3-0ebb-4bb8-9ffd-38a862b5b541>. Acesso em: 19 fev. 2026.

REBELO, Patrick Santos. “Interminável onça”, de João Guimarães Rosa a Micheline Verunsch: Reflexões em torno de “Meu tio, o Iauaretê” e *O som do rugido da onça*. *Língua-lugar*, v. 1, n. 4, 2022, p. 120–134. DOI:

10.34913/journals/lingualugar.2021.e731. Disponível. Disponível em: <https://oap.unige.ch/journals/lingua-lugar/article/view/731>. Acesso em: 19 fev. 2026.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. A minha maloca: uma leitura autoetnográfica de *O som do rugido da onça*. *Revista Fórum Identidades*, v. 39, n. 2, 2024, p. 11–26. DOI: 10.47250/forident.v39n2.p11-26. Disponível em:

<https://ufs.emnuvens.com.br/forumidentidades/article/view/v39p11>. Acesso em: 19 fev. 2026.

SANTOS, Júlia Graziela da Silva dos. Qual linguagem fala a colonialidade?. *PÓLEMO*, v. 12, n. 27, 2024, p. 265–275. DOI: 10.26512/pl.v12i27.51398. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/51398>. Acesso em: 19 fev. 2026.

SILVA, Leticia Pilger da. Resenha: VERUNSCHK, Micheline. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. *O Eixo e a Roda*, v. 32, n. 2, 2023, p. 224–230. Disponível em:

https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/issue/view/2272.

SILVA, Solange Regina da; SILVA, Isabela Lapa. Lembrar, criar e resistir: uma análise de *O som do rugido da onça* de Micheline Verunsch. *Humana Res*, v. 5, n. 8, ago.-dez. 2023. Disponível em:

<https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/190>. Acesso em: 19 fev. 2026.

TORRE, Michelle Marcia Cobra. Resenha: VERUNSCHK, Micheline. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 168 p. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 31, n. 3, 2021, p. 231–234. DOI: 10.35699/2317-2096.2021.33566. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/33566>. Acesso em: 19 fev. 2026.

VERUNSCHK, Micheliny. *Geografia íntima do deserto*. São Paulo: Landy, 2003.

VERUNSCHK, Micheliny. *Nossa Teresa - vida e morte de uma santa suicida*. São Paulo: Patuá, 2014.

VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

VERUNSCHK, Micheliny. *Caminhando com os mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

VERUNSCHK, Micheliny. *O salto e o salto da grande onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. *E-book*.

VERUNSCHK, Micheliny. *Depois do trovão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

[Artigo recebido em 19 de fevereiro de 2026 e aceito em 23 de abril de 2026.]

DOI: 10.22456/2236-6385.153732